



**Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, antes da cerimônia de abertura do 7º Congresso Nacional dos Metalúrgicos da Central Única dos Trabalhadores - CUT**

**Guarulhos-SP, 12 de junho de 2007**

**Jornalista:** O senhor sabia ou não sabia que o Vavá estava sendo monitorado pela Polícia Federal? O Vavá, há dois anos, vem sendo investigado pela Polícia Federal por problemas de lobby, enfim, de facilidades. O escritório dele, em São Bernardo do Campo, há dois anos, foi localizado como sendo um ponto onde ele fazia lobby. O senhor diz o quê a respeito disso?

**Presidente:** Primeiro, eu não tenho controle do Frei Chico. O Frei Chico é, na verdade, dois anos mais velho do que eu, portanto, ele é que deveria ter o controle de mim e não eu dele, ou seja, no Nordeste os irmãos mais velhos costumam mandar nos mais novos. Segundo, eu não acredito que o Vavá seja lobista e vou dizer o porquê: se vocês conhecerem o Vavá, ele está mais para ingênuo do que para lobista. Eu confesso a vocês que para mim é uma surpresa imensa. Eu já tinha visto a matéria publicada em 2005, me parece, na revista Veja, e eu não acreditava naquilo. Continuo achando que o Vavá está muito mais para ingênuo do que para lobista. Isso está num processo de investigação. Quebraram o sigilo telefônico dele e vamos esperar que haja um processo, que haja uma decisão judicial.

**Jornalista:** (inaudível)

**Presidente:** Eu quero saber o seguinte: eu quero saber se há algum atendimento a alguma coisa do Vavá, em algum órgão do governo, para mostrar que ele não era lobista. Eu duvido que tenha alguma coisa do Vavá,



não nesses dois anos, mas nesses quatro anos e meio, que tenha sido atendida. Eu duvido.

Segunda coisa, eu acho que o Frei Chico conversou com o Vavá. Eu quero mais é que conversem, eles são irmãos, eles têm que conversar, antes, durante e depois. Eu fui ao Vavá faz mais ou menos uns 15 dias, achei o Vavá um pouco abatido, o achei, na verdade, envelhecido. Fui visitá-lo e as minhas duas irmãs. E a próxima vez em que eu for a São Paulo, eu vou visitá-lo outra vez, vou visitar porque o Vavá é o irmão por quem eu tenho um carinho todo especial, ele é uma espécie de paizão da família, é o que cuida de todo mundo. Se algum de vocês, um dia, ficar doente e encontrar o Vavá, ele vai querer levar você para a casa dele para tratar.

A outra coisa é o seguinte, gente: eu, no fundo, estou vivendo um momento de reflexão do que está acontecendo no Brasil. Primeiro, porque nós temos um processo de escuta telefônica, que faz parte de um processo que deveria ser sigiloso, e todo dia você tem uma informação que não sabe se é verdadeira, não sabe se é truncada ou se não é truncada. Qualquer jornalista pode fazer qualquer pergunta sobre telefonemas para o presidente da República, mas o presidente da República não pode ficar respondendo sobre telefonemas, sobre coisas tiradas e colocadas no jornal, colocadas na televisão. Eu, no fundo, no fundo, acho que é melhor esperar que haja uma definição correta da apuração. Aqueles que forem culpados serão punidos e serão processados, aqueles que forem inocentes serão inocentados. Obviamente que não terão as mesmas manchetes de jornais na inocência do que tiveram na culpa.

Eu, esses dias, vi o ministro Silas ser execrado com uma história de que tinha dinheiro, e somente a perícia é que vai provar que não tinha dinheiro. Então, eu acho que é importante a gente viver o momento que a gente está vivendo, tomar muito cuidado com aquilo que a gente fala, tomar muito cuidado com aquilo que a gente escreve, tomar muito cuidado com julgamentos



precipitados que se faz das pessoas. Por que o correto é o quê? O correto é esperar que haja a apuração, depois haja o indiciamento e, depois, haja o julgamento. Até lá, as pessoas são todas inocentes, até prova em contrário.

**Jornalista:** Presidente, houve precipitação da Polícia Federal nesse processo?

**Presidente:** Eu acho que há um equívoco, aliás, eu disse isso há uns 15 dias, numa entrevista coletiva. Eu dizia claramente que, na medida em que a Polícia Federal, que é uma instituição que tem um poder enorme, aumenta a responsabilidade... E não é possível que, se houver problemas internos dentro da Polícia Federal, esses problemas internos tenham como vítimas o trabalho legal que ela faz, porque é uma decisão judicial.

Então, cabe ao delegado investigar e cabe a ele, então, mandar para o Ministério Público. O Ministério Público vai indiciar ou não e fazer o processo. Não cabe ao delegado passar para a imprensa. O que eu tenho percebido, e por isso eu disse que é um momento de reflexão profunda, é o seguinte: dependendo se houver briga política, as pessoas vão pingando para um jornal uma coisa, para outro jornal outra coisa, e as pessoas, sem ter o direito de se defender, vão sendo execradas, condenadas aos olhos da opinião pública, sem poder provar se são inocentes. Como eu sou o presidente da República, e sou, sobretudo, um republicano, não do Partido Republicano, sou republicano por comportamento, é que eu acho que nós precisamos fazer a apuração correta.

**Jornalista:** O senhor acha que o Vavá está sendo execrado?

**Presidente:** Obviamente, qual é o processo todo? A Polícia Federal pede a quebra do sigilo telefônico de uma pessoa e se prepara para encontrar um cardume de pintados. O Vavá, nessa história, me parece mais um lambari que foi pego. Qual é a vantagem? É que é um lambari especial porque é irmão do



presidente da República. Então, o que eu acho é o seguinte: o Vavá, como qualquer outro cidadão brasileiro, dos 190 milhões de brasileiros, na hora em que comete um erro, tem que pagar pelo erro que cometeu, a lei existe para todos nós e todos estamos subordinados a ela. Portanto, qual é o meu papel e o que eu quero? É que esse processo siga o seu curso normal, siga o seu curso com a maior tranquilidade, que a Polícia Federal cumpra com o seu papel, que o Ministério Público cumpra com o seu papel e que depois a Justiça cumpra com o seu papel.

**Jornalista:** O senhor tinha informações de que o Vavá levaria pessoas ao Ministério? É isso que eu queria saber, o senhor tinha essa informação?

**Presidente:** Primeiro, todos os meus irmãos sabem perfeitamente bem do comportamento que eu tenho com relação a eles. Não existe favor, nem a irmãos, nem a amigos e nem a adversários. Cada pessoa, e eu sou a maior prova disso, por onde eu ando recebo dezenas de pedidos, dezenas de cartas de pessoas que mandam coisas para mim e, quando eu chego em Brasília, distribuo para os Ministérios. Se o Vavá foi a algum Ministério e entregou um papel, eu só posso dizer para vocês que eu duvido que o Vavá tenha conseguido fazer algum *lobby* na sua vida. Obviamente que aqui pode estar a paixão do irmão, como eu o conheço há 61 anos, eu duvido que o Vavá tenha feito um *lobby* no governo.

**Jornalista:** O senhor chamou a atenção dele?

**Presidente:** Veja, eu sempre disse para ele o seguinte: toda vez que alguém procurar vocês, e sei concretamente como eles devem sofrer, porque em qualquer lugar em que cheguem, são irmãos do presidente, eu sei como é que eles sofrem, possivelmente mais do que eu, porque eu tenho uma retaguarda



de assessoria que nem sempre, nem vocês conseguem encostar perto de mim. Então, vejam, o que eu tenho dito a eles? Se alguém se aproximar de vocês e pedir alguma coisa, na verdade, se for um empresário, esse cara só pode ser um picareta, porque se ele quiser um negócio, ele liga diretamente para um ministro, ele não precisa ficar procurando um irmão ou um primo meu. Se for procurar, esse empresário não é sério.

**Jornalista:** (inaudível)

**Presidente:** Eu não sei, eu não quero fazer julgamento, só estou dizendo que eu os alertava para isso.

**Jornalista:** O senhor chamou a atenção alguma vez?

**Presidente:** Muitas vezes, de todos.

**Jornalista:** O que seria essa bronca da gravação da Polícia Federal?

**Presidente:** Eu lembro uma vez, de uma empresa que procurou um parente meu para dizer: fala para o presidente Lula me receber. Eu falei para esse meu parente: escuta aqui, por que esse cidadão não liga para o ministro da Indústria e do Comércio, que é o Furlan, vai lá e conversa como todo cidadão faz?

Então, eu vou repetir uma coisa que eu disse para vocês: eu estou fazendo um momento de reflexão do que está acontecendo no Brasil neste instante e com muita tranquilidade. Primeiro, porque tem um processo de investigação, esse processo é sigiloso, mas é sigiloso, me parece, só para quem é vítima, porque aos olhos do mundo, a imprensa parece que recebe a informação primeiro que o juiz ou, quem sabe, até primeiro que o Ministério Público.



Como eu acho que nós precisamos construir uma nação republicana e ela tem valores democráticos, e o valor democrático significa o cumprimento da lei, que vale para todos, porque hoje vocês estão aqui me perguntando, mas amanhã poderá ser um de vocês que estará na mesma circunstância, porque na hora em que se quebra o sigilo telefônico de alguém, podem pegar o telefonema de qualquer pessoa discutindo qualquer outro assunto, e até provar que a pessoa é inocente, a pessoa vai passar muito sofrimento.

**Jornalista:** (inaudível)

**Presidente:** Veja, eu não me faço mais de vítima não. Eu acho que é um processo. Há um processo em curso, essas coisas têm interesses. Obviamente que, pelo fato do Vavá ser meu irmão, ele desperta mais atenção do que um criminoso ou alguém que faça um *lobby* infinitamente maior neste País. Mas ele é meu irmão, então, ele tem que pagar o preço por isso. Só pelo fato de ser meu irmão, ele teria que ter mais responsabilidade, ele deveria saber das implicações que isso tem. Eu aprendi, ainda em 1969, quando fui dirigente sindical pela primeira vez, que pelo fato de eu ter sido eleito dirigente sindical, eu achei que podia subir em cima da mesa, achei que podia desacatar o chefe. E aí eu fui aprendendo com o tempo que, pelo fato de eu ter responsabilidade, o meu comportamento deveria ser sempre exemplar, e foi assim a minha vida inteira. Portanto, todos, meus irmãos, meus amigos, meus adversários que reclamam da Polícia Federal, que se queixam, e ninguém que gosta dessa situação, tem que saber de uma coisa: a única possibilidade de evitar isso é não cometer erros. E a Polícia Federal vai continuar investigando, todas as denúncias serão apuradas, o Ministério Público vai continuar agindo, e a Justiça vai continuar julgando. É assim que nós vamos construir este País.